

FORMAÇÃO DOCENTE NA ÁREA DA FILOSOFIA

TEACHING EDUCATION IN PHILOSOPHY

Léo Cezar Pádova¹, Márcio Paulo Cenci² e Marcos Alexandre Alves³

RESUMO

O presente artigo aborda o contexto histórico da educação aliando a reflexão sobre a formação, limitações e atuação dos docentes no ensino da Filosofia. A partir de leituras dos diversos documentos relacionados a partir da história da educação, formação docente, se despertou o interesse em aprofundar os seguintes temas: profissão e formação, ensino, aprendizagem, papel social da educação, competências e habilidades para os desafios no ensino no século XXI. Estudos e leituras de autores promovidas pelo curso de Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens (MEHL) pela Universidade Franciscana (UFN). O objetivo desse trabalho é chamar atenção para possíveis limitações na formação docente e o desenvolvimento das competências e habilidades para a prática docente. A metodologia é de abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, com leituras das obras dos principais autores relacionados ao tema. A discussão perpassa por uma retomada das principais etapas da constituição da história da educação brasileira. Despertar do interesse para a profissão docente; papel social da educação, a valorização profissional; o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para a profissão os desafios na formação docente no século XXI. Conclui-se que a partir da identificação de possíveis limitações, apresenta-se a formação continuada para o desenvolvimento profissional eficaz, suas competências e habilidades na superação das limitações encontradas na prática docente no ensino da Filosofia.

Palavras-chave: Conhecimento, Ensino, Formação de Professores, Prática, Competência.

ABSTRACT

This article addresses the historical context of education combining reflection on the training, limitations and performance of teachers in Philosophy teaching. Based on various documents readings related to the history of education, teacher training, deepening the following themes was aroused: profession and training, teaching, learning, the social role of education, competences and challenge skills in teaching in the XXI century. Studies and readings by authors promoted by the Master's course in Teaching Humanities and Languages (MEHL) by the Franciscan University (UFN). The aim of this work is to draw attention to possible limitations in teacher training and the development of competences and skills for teaching practice. The methodology has a qualitative approach of bibliographic nature, with readings of the works of the main authors related to the theme. The discussion goes through a resumption of the main stages of the Brazilian history education. Awakening interest for the teaching profession; social role of education, professional enhancement; the development of necessary competences and skills for the profession and the challenges in teacher training in the 21st century. The conclusion is that from identification of the possible limitations, it comes the continuous

¹ Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana - UFN. Especialista em Ensino de Filosofia - UFSCAR. Graduado em Filosofia - UnOeste. Professor efetivo na Sec. de Educação do Estado de Santa Catarina - SC.

² Doutor em Filosofia - PUCRS e PUC-Chile (sanduíche). Pós-Doutorado - Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn. Mestre pela Filosofia - UFSM. Graduado em Filosofia - UnOeste. Professor Ajunto do Curso de Filosofia - Universidade Franciscana - UFN.

³ Doutor em Educação - UFPel. Mestrado em Filosofia - UFSM. Licenciado em Filosofia - FAFIMC. Professor Adjunto do Curso de Filosofia - Universidade Franciscana - UFN.

training for effective professional development, its competences and abilities in overcoming the limitations found in teaching practice in the Philosophy teaching.

Keywords: *Knowledge, Teacher, Teacher Training, Practice, Competence.*

INTRODUÇÃO

Serão analisadas as habilidades e competências consideradas importantes para a formação do docente para o ensino da Filosofia, na área das Ciências Humanas. Abordaremos a importância de se aperfeiçoar o capital humano para o ensino de Filosofia, trazendo alguns aspectos importantes da educação à luz da história, bem como, o despertar da profissão docente, relacionando-a com o papel social da educação e possíveis aspectos limitantes emergentes na formação docente. Busca-se interagir com as diferentes formas de explicar e entender o mundo e o ser humano no contexto educacional e abordar como acontecem as diferentes rupturas para se entender e buscar o conhecimento das coisas existentes no mundo.

Para tanto, este trabalho desafia os futuros docentes a promoverem uma atitude reflexiva permanente com a sua formação recebida e a manter-se numa constante e contínua formação, perante os desafios do mundo ao qual estão inseridos, com a cultura da época a qual estão vivendo no século XXI.

A EDUCAÇÃO À LUZ DA HISTÓRIA

O surgimento da educação no Brasil, as mudanças, contestações e avanços que ocorreram no sistema educacional brasileiro, com alguns avanços e anseios presentes até os dias atuais. Segundo Shigunov Neto e Maciel (2008), os jesuítas quando chegaram ao Brasil constituíram as escolas. Estas tinham o objetivo de formar novos missionários para a Igreja. Para isso ensinavam a escrever, ler, contar e cantar. A educação jesuítica além de objetivar a formação cristã também visava uma grande transformação social, pois com seu modelo de ensino buscavam modificar a cultura indígena, impondo costumes e modo de vida europeia. A catequização e a civilização dos índios, realizadas pelos jesuítas tinham como um de seus objetivos criarem um homem novo para uma sociedade nova, e principalmente para o trabalho.

Conforme Shigunov Neto e Maciel (2008, p. 174-475), importante destacar o modelo ideal de homem, apresentado pela escola jesuíta para a formação humana. “[...] o homem puro, cristão e livre dos pecados do mundo burguês, [...] poderia ser este homem inocente, encontrado em terras brasileiras. [...] Juntamente com suas atividades de catequização, [...] desenvolver no indígena a preocupação burguesa com o trabalho, com o produtivo.” Pode-se destacar ainda, conforme Shigunov Neto e Maciel (2008, p. 176), que os padres da companhia de Jesus buscavam atingir três objetivos: “objetivo doutrinário - visava ensinar a religião e a prática cristã; objetivo econômico - instituir o hábito do

trabalho como princípio fundamental na formação da sociedade brasileira; objetivo político - utilizar os índios convertidos contra os ataques dos índios selvagens e, inimigos externos.”

O método de ensino que era utilizado pelos jesuítas era o *Ratio Studiorum*, um conjunto de normas, regras e práticas pedagógicas que deveria nortear o trabalho dos educadores. Este método apresentava três etapas: O Curso Secundário, Curso de Teologia e Filosofia, os dois últimos superiores. O curso secundário tinha duração de seis anos e o estudo era basicamente clássico e literário, os cursos superiores visavam formar filósofos e teólogos. Para Shigunov Neto e Maciel (2008) o curso secundário tinha o objetivo de preparar o cidadão para viver em sociedade, e os cursos superiores objetivavam uma profissão humanista.

No ano de 1822 inicia-se no Brasil o Período Imperial, neste a educação primária torna-se obrigatória e gratuita para todos os cidadãos, nesta época Imperial com D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II, não foi feito muito pela educação tornando-a secundária em seus planos. Moacyr (1941) comenta que foi no ano 1823, com a aprovação do plano para a educação, denominado de ‘Memória’, com este plano buscava-se uma formação humanitária e principalmente igualitária para todos e não somente privilegiados da classe burguesa.

Entre 1930 a 1964 ocorreram a Revolução Industrial brasileira e a Era Vargas, conforme destacam Bittar e Ferreira Júnior (2008) em seus argumentos o Brasil passa por importantes mudanças estruturais, a principal delas é o crescimento do modo capitalista. Desta forma, o país deixa de ser agrário e passa a ser industrial. Promovendo modificações no processo educacional para atender as necessidades da sociedade. Várias tentativas para melhorar a educação, mas sem muito êxito, neste contexto, segundo Bittar e Ferreira Júnior (2008), na Era Vargas cria-se então o primeiro Ministério da Educação, que ao menos na teoria cria um Sistema Nacional de Ensino e esse o Conselho Nacional de Educação.

Instituiu-se o ensino secundário, superior e também a profissão de contador. Este modelo de ensino celetista ainda privilegiava somente a elite brasileira. Com o contexto industrial que o Brasil estava vivendo na época era necessário que todos tivessem acesso à educação para então criar a mão de obra qualificada para as indústrias. Segundo Bittar e Ferreira Júnior (2008), surge a necessidade de sensibilizar governantes e educadores sobre a importância da educação na sociedade, cria-se então a Associação Brasileira de Educadores (ABE), que debate sobre educação no parâmetro nacional.

A criação de uma associação para a representação do professorado, segundo Nóvoa (1989), foi cheia de desafios e com opiniões e pontos de vista diferentes, mas basicamente seguiu três eixos que Nóvoa (1989, p. 19) cita: “[...] melhoria do estatuto, controle da profissão e definição de uma carreira.” Estas então eram as principais reivindicações dos professores na época, que buscavam as mesmas através da associação, sempre com objetivos coletivos.

No ano de 1964 com a implantação do regime da Ditadura Militar, um período em que segundo Assis (2012), ocorre grandes mudanças na educação brasileira. [...] Houve iniciativas de normatizar a educação no país, especialmente com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para o

ensino de 1º e 2º graus em 1971. Constatou-se a concretização e a obrigatoriedade do ensino básico, pelo menos teoricamente, passando de 4 para 8 anos de duração. (ASSIS, 2012, p. 322).

Segundo Assis (2012), em 1948 inicia-se o processo para a Lei de Diretrizes e Bases, consolidada somente no ano de 1961. Embora com a criação da nova Lei o sistema de ensino foi mantido com o pré-primário, ensino primário e ensino secundário e técnico. A LDB que foi aprovada oportunizar à sociedade brasileira organizar seu sistema de ensino, pelo menos em seu aspecto formal, conforme o que era reivindicado no momento, em termos de desenvolvimento do país (ASSIS, 2012). Desse modo, pode-se interpretar que ao mesmo tempo em que a LDB era um anseio de toda a população da época, e que na teoria ocorreriam grandes avanços, percebe-se que na prática pouco foi modificado. Isso também devido ao contexto econômico, cultural e político. Após o fim da Ditadura Militar, Gadotti (1995), afirma que a década de 80 é considerada por muitos educadores, como uma das piores épocas da educação, mesmo com as sensações de liberdade, expansão do trabalho educacional, que o fim da ditadura sugeria, a crise econômica e cultural prejudicou muito os avanços da educação.

A Constituição de 1988, segundo Gadotti (1995,p. 4) garante a todos uma educação de qualidade, sendo dever de o Estado proporcioná-la. O ensino deve ter: “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, a liberdade de aprender, o pluralismo de ideias, a gratuidade do ensino público, a valorização dos profissionais do ensino, a gestão democrática, e o padrão de qualidade.”

Estes aspectos de contestações para melhorias na educação brasileira são conhecidos há muito tempo, e infelizmente com o passar dos anos continuam sendo anseios de uma sociedade acreditada que a mudança se inicia por uma educação de qualidade. Nos dias atuais a educação continua a enfrentar situações como falta de valorização de seus profissionais, péssimas condições materiais para alunos e professores, políticas públicas defasadas e vários fatores externos que influenciam fortemente o bom desenvolvimento da mesma.

Percebe-se certa compartimentalização de saberes, sem ou quase nada de colaboração entre os docentes. Cada um apresenta-se como dono de sua especificidade e do seu conhecimento, de acordo, com seu entendimento para planejar, elaborar e executar conteúdos em sala de aula. Em muitos casos planejam-se ações descontextualizadas onde a prática do docente acaba se tornando rotineira em suas práticas cotidianas. Um trabalho desgastante, estressante, deprimente, com péssimos resultados e pouca valorização profissional.

As políticas públicas não valorizam o profissional; não lhes dão condições de trabalho adequadas, bem como, segurança em sala de aula para desenvolver seu trabalho de maneira adequada e satisfatória. Basta acompanhar noticiários para se constatar: desvalorização, doenças, desmotivação, péssimas condições, e ataques (físicos, morais e psicológicos) a professores em seu local de trabalho. Provocando baixas nos números de profissionais, desestimulando para novos docentes atuarem na área do ensino, bem como, um ensino cada vez mais fraco e fragmentado. Desta forma, como fazer despertar interesse em jovens para buscarem a profissão de docente? Esse aspecto caracteriza como

uma das limitações na formação de docente, visto que quem se habilita a ser professor é um número cada vez mais reduzido de estudantes.

O DESPERTAR E O INTERESSE PELA PROFISSÃO DOCENTE

Neste trabalho, relatam-se quatro momentos importantes na profissionalização, bem como características próprias da profissão,⁴ possibilitando uma educação de qualidade, partindo da formação docente e da indispensável formação continuada de professores. Imbernón (2016, p. 108) destaca que “atualmente, embora a profissão se fundamente em conhecimentos especializados e técnicos, [...] fenômeno sociocultural no qual intervém um conjunto de conhecimentos e habilidades, tradições, costumes e práticas que dependem do contexto econômico, social e cultural no qual surge e se desenvolve.”

Conforme Mizukami (2006), a formação dos professores acontece antes mesmo de se ingressar na faculdade, isso por se levar em conta que o sujeito não chega mesmo ‘vazio’, sem conhecimento algum, mas sim se considera o sujeito como um ser ativo que produz conhecimento e que percebe e concebe o mundo de acordo com seu contexto e relações sociais que estabelece.

De acordo com Nóvoa (1989), ao longo do século XVII e XVIII constituíram-se uma série de normas, valores, técnicas e saberes ao profissional docente:

é importante sublinhar que este corpo de saberes e de técnicas foi quase sempre produzido no exterior do ‘mundo dos professores’, por teóricos e especialistas vários. A natureza do saber pedagógico e a relação dos professores ao saber constituem um capítulo central da história da profissão docente. (NÓVOA, 1989, p. 16)

Com novos conjuntos de mudanças sociais é necessário então, de fato, o professor ocupe mais disponibilidade para poder exercer sua função. Analisando características do professor, habilidade, idade, comportamento, e sem exigir a formação superior. Assumindo a função de professor como profissão, e o Estado procura homogeneizar o grupo de professores. Nóvoa (1989) salienta a preocupação do Estado em criar regras uniformes para seleção e escolha dos professores. Buscando assim criar um grupo de profissionais com características próprias; e desligar-se do modelo influenciado pela Igreja, o que é aceito pelos professores. Obedecendo ao conjunto de regras, técnicas e habilidades para obter a licença do Estado para exercer a função docente, cria-se um perfil docente, com profissionais que são caracterizados como agentes educacionais, sociais e políticos.

Esta classificação dos professores os transforma em profissionais possuidores de um papel de extrema relevância social: o de constituir educação e de promover ascensão social dos estudantes. Para isso é necessário uma profissionalização e formação adequada para o trabalho.

⁴ Imbernón (2016) nos diz que uma profissão é uma atividade especializada do trabalho; que vai evoluindo com o passar do tempo. Sua origem encontra-se nos antigos textos judaicos, com a função sacerdotal, a negócios a serviço do Rei - mandar ou enviar alguém a uma missão. Uma profissão exige um corpo específico de conhecimento, numa formação específica para atuar numa realidade social organizada.

Conforme destaca Schultz (1973), o investimento na educação pode trazer melhorias, ganhos à educação individual e aquecer a própria economia, aumentando a renda pessoal, profissional e nacional:

Felizmente, chegamos a um terreno mais firme no que diz respeito à educação. O investimento na educação subiu a uma taxa rápida e por isso mesmo pode muito bem ser responsável por uma parte substancial da elevação de ganhos, de outra maneira mantida inexplicável. Não farei mais do que sumariar alguns resultados preliminares acerca dos custos totais com a educação (incluindo-se renda com prévia destinação adjudicada por estudantes), da relação aparente desses custos à renda do consumidor e às alternativas de investimentos, da elevação do patrimônio da educação na força de trabalho, dos rendimentos à educação e da contribuição que o aumento no patrimônio da educação possa ter causado aos rendimentos e à renda nacional. (SCHULTZ, 1973, p. 45)

Muitos ainda esperam pela boa vontade política para melhorar a valorização profissional. Esquece-se de aderir, lutar e fortalecer as entidades representativas, sendo elas o escudo de defesa contra os constantes ataques à educação, aos profissionais e ao reducionismo no ensino e aprendizado. Fortalecer a coletividade é a melhor maneira para garantir seus direitos, e melhorar acima de tudo a profissão docente, a educação e o aprendizado dos estudantes, a fim de, melhorar sua realidade de maneira gradativa. Por isso, a importância de fortalecer a coletividade em torno de uma categoria coesa, defensora de seus projetos, valorizar-se profissionalmente, suas escolas, seus alunos, o ensino, a aprendizagem e a educação. Exige-se uma postura de atenção, para serem propositivos nas apresentações de novas soluções, atendam de maneira consensual, decisões a contento da maioria da categoria, da coletividade e do bem comum.

Em um trecho de sua obra, Nóvoa (1992, p. 17) comenta: “É preciso passar a formação de professores para dentro da profissão”, uma frase bastante impactante e reflexiva, pois apesar de todo discurso ponderar as mesmas opiniões e detectar os mesmos problemas, o que se tem feito realmente para resolver as indagações sobre a formação de professores. O autor sugere a incorporação de práticas na formação docente, existindo assim o conhecimento do problema, o debate de ideias e sugestões e diálogo entre o grande grupo que conheceu, vivenciou e buscou soluções para o problema, acreditando desta forma que somente se pode discutir e modificar o que se conhece. Para ter bons professores é necessário que a sua formação contenha algumas características fundamentais, como o conhecimento, cultura profissional, tacto pedagógico, trabalho em equipe e o compromisso social.

Segundo Imbernón (2012, p. 98-99), “a formação será legítima, [...] quando contribuir para o desenvolvimento [...] do professorado no âmbito trabalhista e de melhoria das aprendizagens profissionais no contexto específico em que se trabalha [...] melhorando o ensino e aprendizagem do alunado [...]” O professor busca se atualizar, às vezes é incentivado à buscar novas capacitações, tendo em vista sua qualificação e contribuição para o aprendizado dos estudantes.

Assumir a profissão de professor é uma responsabilidade social imensa, uma vez que o professor muitas vezes é visto por seus alunos como um espelho, assim todas as ações devem ser pautadas em princípios éticos, morais, culturais e sociais o que muitas vezes não ocorre.

De acordo com Mizukami (1996, p. 64), a educação é “caracterizada por uma multidimensionalidade, simultaneidade de eventos, imprevisibilidade, imediaticidade e unicidade [...] Eventos inesperados e interrupções variadas podem, por sua vez, mudar igualmente a condução do processo instrucional.” Mizukami (1996) caracteriza em sua afirmação acontecimentos de novas situações com que o professor se depara na sala de aula, acontecimentos novos que são modificados com forte intensidade, muitas vezes exigindo dos professores posturas e conhecimentos que não são conhecidos pelos mesmos.

Percebe-se que todos os autores discursam sobre a formação de professores⁵ reflexivos e que sua formação seja realidade permanentemente dentro da escola, conhecendo e vivenciando a realidade dela, podendo deste modo intervir nas necessidades da comunidade escolar. Desta maneira, importante destacar: “Ter presente a diversidade de necessidades, [...] condições pode enriquecer a reflexão e orientar, [...] a formação continuada de docentes, as quais merecem se diversificar em formas curriculares variadas, próprias a uma culturalidade rica e múltipla como é a do Brasil.” (ANDRÉ, 2016, p. 47). Aproveitam-se trocas de experiências, práticas transformadoras, inovadoras, de sucesso na superação de limites da formação docente, ensino e aprendizagem dos estudantes.

De acordo com PC/SC (1998, p. 98-99) é importante “[...] promover a preparação de professores reflexivos que tomem suas práticas como situações a serem estudadas e refletidas criticamente, instituindo novas relações entre o saber pedagógico e o saber científico.” Desenvolvendo novos processos formativos a partir da experiência, é necessária a aplicação de metodologias inovadoras em sua prática educativa.

Dessa forma, Perrenoud *et al.* (2002, p. 16) nos apresenta uma lista com dez pontos específicos para serem trabalhados na formação de professores, vejamos tais critérios: 1) Transposição didática baseada na análise das práticas em constantes transformações; 2) Referencial de competências que identifique os saberes e as capacidades necessárias; 3) Plano de formação organizado em torno das competências; 4) aprendizagem baseada na identificação de problemas; 5)

Articulação da teoria com a prática; 6) Organização por módulos de maneira diferenciada; 7) Avaliação formativa baseada na análise do trabalho; 8) Estabelecer períodos e mecanismos de integração e de articulação das aquisições; 9) Parceria negociada com os profissionais; e 10) Divisão dos saberes favorável à sua mobilização no trabalho.

Portanto, em relação ao docente não se pode desconsiderar que ele é um profissional dotado de condições. Sendo assim construirá suas perspectivas filosóficas e sociais sobre sua atuação em sala de aula e fora dela. Permitindo-lhes atuar eficazmente e de maneira efetiva nas escolas onde trabalha, tendo espaço para ser criativo, inovador, construindo sua autonomia e seu reconhecimento profissional. Levando-se em consideração a relação formativa com a prática, necessitando-se de alguém que

⁵ “[...] A formação continuada deve propiciar atualizações, aprofundamento das temáticas educacionais e apoiar-se numa reflexão sobre a prática educativa, promovendo um processo constante de autoavaliação que oriente a construção contínua de competências profissionais.” (BRASIL, 1999, p. 70).

lhes ofereçam suportes para resolver os problemas diariamente, das tomadas de decisões, e de suas articulações profissionais entre a coletividade de trabalho. É possível superar aspectos de compartimentalização do ensino com atitudes, competências, habilidades e inovações sobre práticas antigas e que através de seu olhar recebe um toque de transformação, e de fazer a diferença na hora de ensinar em sala de aula e em outros ambientes de ensino e aprendizagem.

A IMPORTÂNCIA E O PAPEL SOCIAL DA EDUCAÇÃO

O papel central que a educação ocupa na vida social é indiscutível, sabe-se que é a presença ou ausência da mesma definem rumos pessoais e sociais. Procura-se ressaltar a importância da educação para o bem-estar social, bem como, algumas definições, modalidades e conceitos. De acordo com Imbernón (2012, p. 97), “significa também analisar a formação como elemento dinamizador e de luta pelas melhorias sociais e trabalhistas e como promotor do estabelecimento de novos modelos relacionados na prática da formação e das relações de trabalho.” É ir além, de apenas formar com o domínio das disciplinas, mas relacionar experiências profissionais e condições dos trabalhadores.

Esta responsabilidade exercida pela educação na formação do indivíduo em seus diferentes aspectos está fortemente interligada ao modo de vida e contexto social em que o sujeito está inserido. Conforme destaca Libâneo (2013, p. 21-22), a educação deve corresponder: “[...] para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática.”

Para Freire (1979), não existe seres educados e seres sem educação, existem sim diferentes graus de educação, mas que não os considera absoluto isto pode ser notado, com um exemplo de um agricultor que talvez não tenha tido a oportunidade de frequentar educação escolar, mas que em suas tarefas diárias no campo possui um conhecimento prático que lhe permite buscar diferentes estratégias dentro de seu contexto.

De acordo com Piletti (1996, p. 10), existe uma enorme diferença entre a educação como produto e a educação como um processo, sendo que caracteriza a educação como um processo sendo a mais importante, pois é através do processo que realmente se aprende. “[...] para que a educação seja eficaz, produza resultados duradouros, é necessário que o aluno aprenda a auto educar-se e não a receber educação e o conhecimento como produtos prontos e acabados, que deve absorver e reproduzir da mesma forma.”

O papel social que o professor exerce faz com que o mesmo assuma uma postura, que tome posições, sempre pautados em promover uma pedagogia significativa. Desta forma, encerro essa sessão à luz do pensamento de Freire (2009, p. 103): “[...] sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda.”

Segundo Imbernón (2012, p. 100), “além disso, implica reconhecer que os professores podem ser verdadeiros agentes sociais, planejadores e gestores do ensino-aprendizagem, e que também podem intervir nos complexos sistemas que configuram a estrutura social e trabalhista.” Promotores da inclusão, transformação social, e indo além dos aspectos burocráticos, institucionais e técnicos.

Dessa forma, importante fazer um contraponto, segundo López-Ruiz (2007, p. 291) nos chama a atenção ao afirmar: “O ser humano passa assim a se aceitar como o “material” de que se nutre um sistema econômico.” Faz parte dele. Segue o autor: “Ou, em outras palavras: o capitalismo, nesta fase de seu desenvolvimento precisa [...] de nossas cabeças, de nossas energias e de nossa dedicação.” Segundo o autor, “[...] aceitamos com entusiasmo ser capitalistas de nós mesmos, porque aceitamos, sem mais, que nossas capacidades, habilidades e destrezas são nossa terra imaterial, o lugar onde investir nosso principal capital.” Ou seja, se você tem recursos para investir, primeiramente, deveria pensar em investir em seu próprio capital humano, ou em si mesmo. Agregando habilidades e competências para melhor desempenhar sua função no mercado de trabalho.

Percebe-se a importância da liberdade no exercício da docência, bem como exercer a profissão com o respeito à autoridade, e responsabilidade em manter a democracia no decorrer da profissão, manter uma postura contra qualquer tipo de discriminação social, mas uma educação inclusiva e que promova a emancipação social dos estudantes e de suas famílias no contexto ao qual estão inseridas. O autor prossegue a reflexão: “Sou professor [...] contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais [...] ser professor capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina sem reduzir minha prática docente ao puro estudo daqueles conteúdos.” (FREIRE, 2009, p. 103).

Para tanto, além de identificarmos as possíveis limitações na formação docente, é importante destacarmos possíveis competências e habilidades para uma boa atuação dos docentes em sala de aula, e na sua função social, perante o papel pelo qual a escola foi criada. Para que seu trabalho seja pautado pelas práticas profissionais de maneira competente e eficaz na resolução dos constantes desafios colocados a esta profissão tão importante na formação humana. Bem como, a formação permanente, com olhar voltado para os anseios do profissional em contextos educativos, sociais, trabalhistas em constantes reformas e evoluções.

O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Segundo Perrenoud (2001, p. 20), “[...] chamando de competência o conjunto dos recursos que mobilizamos para agir.” Conforme mencionado, é possível sinalizar competências e habilidades fundamentais a serem desenvolvidas ao longo da formação dos docentes, a fim de superarmos possíveis limitações. Onde para tal ação necessita-se articular diferentes recursos para uma ação eficaz. Seguindo a ideia de Perrenoud (2001, p. 21), “chamarei de *competência* a capacidade de um sujeito de mobilizar o todo ou a parte de seus recursos cognitivos e afetivos para enfrentar uma família

de situações complexas.” Dessa forma, o sujeito, nesse caso o professor e aluno precisam saber organizar e mobilizar recursos eficazes para superar a heterogeneidade de situações. Possibilitando-lhes “pensar em termos de competência significa pensar a sinergia, a orquestração de recursos cognitivos e afetivos diversos para enfrentar um conjunto de situações que apresentam analogias da estrutura.” (PERRENOUD, 2001, p. 21). Desenvolvendo conhecimentos a partir do contexto onde o sujeito está inserido.

Conforme Imbernón (2012, p. 113), “a formação deveria ser um dinamizador e uma arma importante nessa autorrenovação.” Despertando para aprender a questionar o que se vê, no que se acredita e no que se faz, perante o contexto em que se está inserido e na grandeza do ato de ensinar e de inovar.

Desse modo, é possível nos perguntarmos como acontecem e quais seriam as competências e habilidades necessárias para a formação docente profissional. É importante destacar se na prática docente realmente consegue desenvolver algumas destas competências e habilidades. Pois afinal, temos em mãos o capital humano mais valioso e importante da família, da escola e da sociedade, que é o estudante. É nele que se volta toda atenção, ou pelo menos deveria. Conforme destaca Perrenoud *et al.* (2002, p. 13), “[...] a questão é saber se farão de forma democrática ou se a educação continuará sendo, como na maioria dos países, um instrumento de reprodução das desigualdades e de sujeição das massas ao pensamento dominante.” Frente a questão colocada, o desafio é como romper com essa forma de pensar a educação? Para tanto, nesse momento, percebe-se a constituição e a mudança no pensar da educação brasileira e a própria formação dos professores para o desenvolvimento da cidadania, e da edificação das competências e habilidades para dar sentido ao ensino, ao trabalho pedagógico e ao ensino da Filosofia.

Nessa perspectiva, como seria visualizar a atuação de um professor ideal para o fazer pedagógico em um mundo contemporâneo em constantes transformações? Conforme destaca Perrenoud *et al.* (2002, p. 14), “[...] defendo o perfil de um professor que seja ao mesmo tempo: 1. pessoa confiável; 2. mediador intercultural; 3. mediador de uma comunidade educativa; 4. garantia da lei; 5. organizador de uma vida democrática; 6. transmissor cultural; e 7. Intelectual.” Entende-se que esses pontos podem contribuir para o melhoramento e a construção de professores que visam transcender a busca de conhecimento para o melhoramento de sua formação.

Do mesmo modo, Perrenoud *et al.* (2002, p. 14) nos apresentam mais cinco pontos em relação à construção de saberes e de competências para a atuação e prática de ensino e aprendizagem, um professor que fosse: “1. organizador de uma pedagogia construtivista; 2. garantia dos sentidos dos saberes; 3. criador de situações de aprendizagem; 4. administrador de heterogeneidades; e 5. regulador de processos e percursos de formação.” Percebe-se a importância da autonomia do professor para que ele possa trabalhar e desenvolver tais competências, juntamente com uma prática reflexiva e crítica enquanto formador de opinião e construtor de saberes para o desenvolvimento educacional do ser humano em pleno século XXI, bem como, desenvolvendo essas competências e habilidades nos estudantes, para que eles agreguem ainda mais valor humano e intelectual, contribuindo assim para melhorar a sociedade contemporânea.

Segundo Schultz (1973, p. 47), os “anos de escola completados estão longe de ser satisfatórios como medida, por causa das assinaladas elevações que ocorrem no número de dias que os estudantes matriculados frequentam a escola [...]”, tornando-se um gasto elevado para os governos, que não veem os benefícios futuros em economia, pois passam remediando problemas sociais, que se tornam mais elevados se tivessem investido em capital humano e intelectual. Onde, “porque muito da educação dos trabalhadores consiste em educação em grau secundário e em grau superior em índice mais alto do que o de antigamente.” Sendo necessário aprimorar os investimentos em educação e em capital humano.

Para desenvolver e aprimorar competências e habilidades precisa-se superar as dependências, os comodismos e a estabilidade profissional, buscar novos caminhos, novas etapas de formação e fortalecer o trabalho coletivo. De acordo com Imbernón (2012, p. 113), a formação deveria ajudar aos professores em: “1º desenvolver e a difundir o conhecimento [...]; 2º desenvolver uma formação crítica e transformadora; 3º abertura e flexibilidade às mudanças; 4º envolver-se socioculturalmente e politicamente (esquecidos); 5º manter vínculo entre teoria-prática docente.” Dando um aspecto inovador a programas educacionais, projetos colaborativos, capacidade de intervenções criativas na prática docente.

Segundo Imbernón (2012, p. 97), “a inovação é uma mistura de formação e contexto. Para mudar a educação é preciso mudar o professorado e a formação contribui para isso, mas os modelos de organização e de gestão também precisam ser alterados.” Todo trabalho pedagógico está inserido em algum contexto, dessa forma, conforme ele vai mudando, há necessidade de se mudar a forma de pensar e trabalhar. Para tanto, é preciso repensar e mudar a forma da formação docente para que atenda e possibilite novas maneiras de pensar e de trabalhar às necessidades emergentes a partir da nova realidade que se instala na sociedade.

Saviani (1995, p. 30) nos apresenta “quatro níveis de inovação na educação frente ao ensino tradicional: 1º são mantidas intactas a instituição e das finalidades do ensino, onde os métodos são mantidos no essencial, sofrendo retoques superficiais.” Ou seja, o método é a essência para o ensino, porém há dificuldades de mudanças mais profundas. Mantém-se o modelo tradicional, sem espaço para a inovação. O item 2º “são mantidas a instituição e as finalidades do ensino. Os métodos são substancialmente alterados.” Inicia-se o processo de implementação dos métodos inovadores. Já no item 3º “são mantidas as finalidades do ensino. Para atingi-las, entretanto, a par das instituições e métodos convencionais, retocados ou não, utilizam-se formas para institucionais e/ou não institucionalizadas.” Que passam a contribuir para viabilizar a inovação. Portanto, no item 4º “a educação é alterada nas suas próprias finalidades. Buscam-se os meios considerados mais adequados e eficazes para se atingir as novas finalidades.” Neste último item, apresentasse um salto qualitativo a partir das mudanças educacionais. Meios como: currículo, metodologias inovadoras potencializam o ensino, provocando através da educação, novas mudanças sociais. Ou seja, a educação colocada a serviço das forças que provocam mudanças conjunturais e estruturais na sociedade.

Tendo em vista a possibilidade de respeitar e valorizar as diferenças culturais e sociais trazidas pelos estudantes em sala de aula. Bem com, entender as condições sociais e culturais apresentadas

pelas famílias dos estudantes. O contexto onde a escola está inserida percebendo o que compõe o seu entorno. Entender o perfil socioeconômico familiar e estudantil. Perceber as questões religiosas trazidas pelos estudantes em sala de aula. E por fim, estar atento ao perfil e questões étnicas dos estudantes, bem como, costumes e hábitos que estão presentes no comportamento social, cultural, familiar, escolar e em sala de aula.

De acordo com Carbonell (2002, p. 112), “criar tempos, oportunidades, espaços e estímulos para aprender e enriquecerem-se uns aos outros e avançar profissionalmente e democraticamente como coletivo.” É uma das formas para difundir a riqueza pedagógica inovadora existente nas escolas. Destaca-se ainda, “a cultura colaborativa começa na escola fortalecendo o projeto educativo e as inovações gerais mediante a participação democrática [...] difundindo uma cultura inovadora junto a outras escolas e a outros movimentos sociais para fortalecer e mudar a escola.”

Dessa forma, promover atividades que se assemelham e se aproximem da realidade de uma sala de aula, onde o docente se sinta cada vez mais preparado para atuarem em sala de aula. Apresente um domínio considerável e satisfatório dos conteúdos para trabalhar com educandos. Imbernón (2016, p. 119) destaca algumas competências para o docente atuar na realidade da estrutura dos sistemas educacionais: “1º mediador; 2º especialista na disciplina; 3º educador com pensamento crítico; 4º atenda às diversidades; 5º corporativo, comunicativo e colaborativo; 6º propõe valores; 7º soluciona problema, conflitos e toma decisões; 8º conhece a comunidade; 9º conhece a vida cotidiana.” Entende-se que o professor promova a inclusão social e não seja um alienado, acrítico das ideologias sociais.

É relevante que o docente utilize assim o seu tempo para preparar novas formas dinâmicas para que o ensino e a aprendizagem dos estudantes se concretize de maneira mais efetiva. Para tanto, um fator considerável é se o docente consegue-se preparar aulas considerando as diferentes metodologias ativas para a execução de atividades. Uma habilidade importante ao docente é conseguir exercer e ser um bom líder em sala de aula. Pois assim, consegue-se alcançar os objetivos de maneira satisfatória. Uma boa liderança consegue prever certas situações, evitar e resolver possíveis conflitos em sala de aula.

Criar mecanismos para as instituições de ensino superarem a organização fragmentada, onde dividiu as ciências em centros, departamentos, diretorias e seções. As instituições deveriam ter/manter o poder e o domínio da ciência; desta forma, cria-se um processo ritualizado, burocrático e robotizado. Restringindo-se à área de atuação de cada profissional a uma especialidade, impulsionando a especificidade, perdendo a consciência global, e provocando o afastamento da realidade em toda sua plenitude (BEHRENS, 2013). Superar a compartimentalização é um dos principais desafios na formação docente.

A hora é agora de reformar, repensar e ressignificar o currículo, os métodos, planos e as práticas docentes em sala de aula, bem como as próprias políticas públicas voltadas para a educação e a formação docente. Apontam-se assim dois grandes desafios na formação acadêmica, o primeiro é o

de conseguir que o profissional docente pense e utilize formas de ensino e conhecimentos diferentes, não considerando aquele que defende como verdade absoluta e acabada. Outro desafio é o de percepção dos futuros professores de sala de aula como um ambiente de diferentes realidades e ritmos de aprendizagem, com modos de pensar, ser e agir diferentes.

DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE NO SÉCULO XXI

Nesse estudo se buscaram com mais objetividade trazer a luz de questionamentos quais são as contribuições e possíveis limitações na formação docente.⁶ Imbernón (2009, p. 64) “a cultura do isolamento acaba por se introduzir na rotina, o desencantamento e, provavelmente, a desilusão e a paixão pelo que se faz [...] dando um exemplo no ensino de uma sociedade egoísta, não solidária e competitiva.” Encontrar formas para superar esses desafios, sucessos e fracassos devem ser elementos importantes na formação das pessoas em nível pessoal e profissional.

Imbernón (2012, p. 100) “falar em desenvolvimento profissional, para além da formação, significa reconhecer o carácter profissional específico do professorado e a existência de um espaço onde este possa ser exercido.” Para tanto, destaca-se a importância do desenvolvimento de práticas em estágios, frente a um grande volume de leituras, pelo qual se chega ao conhecimento.

É possível destacar as seguintes contribuições como: seria possível constatar que por mais que você planeje, nem tudo sairá tal como, sempre haverá um contratempo. Os estudantes precisam sempre estar ocupados com algo, e o docente mais preparado ainda, por mais que a gente saiba o que fazer, em alguns casos ficamos sem respostas e atitudes. Busca-se uma formação coletiva, colaborativa, dinâmica e flexível para superação dos aspectos limitantes.

Conforme Imbernón (2016, p. 225), “as novas experiências para uma escola atual deveriam buscar alternativas de um ensino mais participativo, em que o fiel protagonista [...] do saber, o professor e a professora, compartilhe seu conhecimento com outras instâncias socializadoras que estejam fora do estabelecimento escolar.” Aglutinar forças para pensar as novas formas de formação, frente aos novos desafios da educação para o século XXI.

A academia ainda não ajuda a desinibir os estudantes-docentes a falarem e se expressarem com boa postura, etiqueta, desenvoltura e ética profissional. Percebe-se ainda medo e submissão frente aos estudantes em sala de aula. Há limitações em formas de conhecimento para elaborar didaticamente uma

⁶ Ao nos situarmos no paradigma da complexidade, estamos propondo uma nova forma de pensar e repensar a educação. A formação deve propor um processo que capacite os professores para aprender a aprender, mas também para aprenderem a desaprender com comunicação, autoanálise e regulação própria, mediante conhecimentos e habilidades e atitudes, a fim de desenvolver profissionais inquietos e inovadores; que aprendam com seus acertos e erros. Para conseguir isso é fundamental o desenvolvimento de instrumentos intelectuais que facilitem as capacidades reflexivas sobre a própria prática docente e cuja principal meta seja aprender a interpretar, compreender e refletir sobre o ensino e a realidade social de forma comunitária. A criação de redes de questionamentos a pesquisa e o desenvolvimento do pensamento crítico nos ajudarão a compreender a complexidade. (IMBERNÓN, 2010, p. 104).

aula ou executar projeto, planos de curso e planos de aula. Autoavaliar-se falta noção comportamental, grupal e coletiva. Muitas vezes há apropriação de ideias sem respeitar e citar os verdadeiros os autores. Falta percepção nas coisas que não está dando certo nas atividades para retomar, refazer, reavaliar e replanejar, a fim de, ter mais eficácia na execução das tarefas.

Nesse sentido, Imbernón (2012, p. 110-111) nos chama atenção para alguns obstáculos no processo de formação do professorado. Podemos destacar:

1º falta de debate sobre a formação inicial do professorado; 2º a falta de coordenação, acompanhamento e avaliação nos planos de formação; 3º predomínio de improvisação nas modalidades de formação; 4º ambiguidade em definir objetivos, princípios e procedimentos formativos. ‘O que se escreve nada tem a ver com o que se ensina’; 5º falta de verbas para atividades de formação; 6º falta de formadores ou assessores e, muitos baseados em normativo-aplicacionista ou de gerenciamento; 7º formação individualista e personalista; e 8º a formação vista unicamente como incentivo salarial ou de promoção.

Perceber limitações no sentido de superar as dificuldades em relação a alguns conteúdos, onde docentes não têm domínio para poder ensinar, isso poderia ser um pouco mais aprofundado. Promover debates com troca de experiências para que se possa esgotar o tema, a fim de, saber e dominar o conteúdo. Deste modo, constatam-se aqui algumas limitações que segundo elas é o não aprofundamento em conteúdos e a conciliação entre teoria e prática.

Imbernón (2016, p. 225) destaca-se: “a mudança deve ser levada a termo a partir do coletivo com a busca, [...] de novas alternativas para o ensino, a aprendizagem e a formação, [...] no diálogo entre iguais [...] que tem algo a dizer, quem ensina e quem aprende.” Ou seja, “isso comporta uma nova maneira de ver a educação, a escola, o magistério e a formação docente. Nisso temos de estar todos e todas.” Pois assim, teremos forças para enfrentar os fatores limitantes da formação e profissão docente.

Esses obstáculos provocam um abandono e desistência dos professores em relação ao profissionalismo docente. Buscam-se muitas vezes práticas rotineiras, do cotidiano, e mais seguras, ou seja, práticas quase nada inovadoras. A mesmice na formação docente e na formação continuada pode desencadear a desmotivação e a desprofissionalização do professorado frente aos novos desafios da contemporaneidade.

Imbernón (2009, p. 15) “o professorado reduz a assistência à formação ‘de toda a vida’, baixe a sua motivação para fazer coisas diferentes, corre poucos riscos e, sobretudo, a inovação surge como um risco que poucos querem correr.” Seguindo Imbernón (2009, p. 66-67) é preciso potencializar a cultura do professorado. Com alguns aspectos importantes: “1º desenvolvimento coletivo, autônomo do trabalho docente; 2º partilhamento de metodologias; 3º trabalhar com seres humanos, racionais, não tem resposta para tudo; 4º desenvolvimento pessoal destacando atitudes e emoções no coletivo; 5º potencializar a autoestima coletiva; 6º criar e desenvolver novas estruturas educativas e organizativas.”

Para superar as limitações na formação docente, é preciso que a formação se volte para ajudar a construir atitudes positivas no meio formativo. Imbernón (2010, p. 110) destaca:

a formação deve ajudá-los a estabelecer vínculos afetivos entre si, a coordenar suas emoções, a se motivar e a reconhecer as emoções de seus colegas de trabalho, já que isso os ajudará a conhecer suas próprias emoções, permitindo que se situem na perspectiva do outro, sentindo o que o outro sente. Enfim, ajudá-los a desenvolver uma escuta ativa mediante a empatia e o reconhecimento dos sentimentos do outro, a formação dos professores deve favorecer, sobretudo, o desenvolvimento da autoestima docente, individual e coletiva.

Para tanto, é preciso desenvolver e refletir sobre boas atitudes, organização, partilha de novas e inovadoras experiências que influenciam positivamente o clima educacional de um ambiente escolar. Aumentar significativamente a autoestima, competências e habilidades dos docentes na prática de sala de aula. Estimular a partilha de novas práticas educacionais, debatê-las e se possível implementá-las. Quem é o ator principal da mudança é o docente. Fortalecendo a formação docente com as práticas inovadoras, curriculares e metodológicas provocando mudanças significativas e profundas na educação.

Dessa forma, podemos trazer a contribuição de Machado (2002, p. 151-152) em relação “a formação escolar deve prover as pessoas de competências básicas, como a capacidade de expressão, de compreensão do que se lê, de interpretações de representações [...]” Ou seja, entender o contexto ao qual o estudante está inserido e a partir dele promover a mudança e a inovação. Destaca ainda o autor: “a capacidade de mobilização de esquemas de ação progressivamente mais complexos e significativos nos mais diferentes contextos.” Percebe-se a evolução a partir do que o estudante já conhece, para aspectos mais relevantes na construção de seu conhecimento e capital humano. E por fim, “a capacidade de colaborar, de trabalhar em equipe e, sobretudo, a capacidade de projetar o novo, de criar em um cenário de problemas, valores e circunstâncias no qual somos lançados e no qual devemos agir solidariamente.” Nessa etapa de formação escolar, nota-se que ela é de suma importância para o estudante desenvolva tais competências e habilidades para enfrentar de maneira segura os desafios presentes um pleno século XXI de maneira empreendedora e inovadora. Pois, a visão de inovação é que poderá lhes dar sentido ao seu ensino e aprendizagem nessa passagem para uma vida profissional satisfatória.

Através da educação, os estudantes projetam uma vida melhor para o futuro. Conforme Schultz (1973, p. 56), “[...] a perspectiva de obtenção de rendimentos futuros de maior escala desempenha uma forte motivação nessas situações. [...] investir na educação são efetuados pela quantia e pela natureza dos gastos públicos efetuados com a educação.”, a fim de melhorar o ensino dos estudantes para se ter profissionais com alto capital humano e intelectual e professores mais bem remunerados e qualificados profissionalmente.

Para tanto, “a educação, por conseguinte, além do acréscimo em apresentar altos valores culturais, é efetivamente também um investimento nas pessoas, à medida que aperfeiçoa as suas capacitações, portanto aumenta os futuros rendimentos a serem auferidos pelos indivíduos.” (SCHULTZ, 1973, p. 60).

Para o desenvolvimento do capital em bens materiais, conforto e qualidade de vida, o entendimento do conceito de capital humano, segundo Schultz (1973, p. 131), nos “torna mais conscientes das mudanças que se registram na qualidade do capital material. Desta forma, o fato de tratar a educação

como capital humano nada mais é senão um passo à frente rumo a uma captação consciente de todo o capital.” Ou seja, o aporte do capital não-humano, é o capital humano dotado de capital intelectual, competências, habilidades, destrezas e dinamicidade de acordo com seu grau de escolaridade.

Na perspectiva educacional, enquanto educador, Schultz (1973, p. 147) argumenta dizendo que “deve-se, ainda, facilitar que a nossa tarefa como educadores é fornecer instrução que há de melhor e servir aos estudantes em ajustar as suas capacitações à economia em mutação rápida em que terão de viver.” E complementa afirmando que, na condição de professores: “[...] precisamos dar o mais alto de todos os índices a princípios de aprendizado e a teorias. Devemos dar o mais alto índice à instrução devotada à solução de problemas que utilize métodos analíticos”, a fim de melhorar os índices de ensino e da qualidade na aprendizagem, munindo os estudantes com competências e habilidades para o mercado de trabalho e profissional, pois é através dele que se sustentaram a si e a suas famílias.

Portanto, percebe-se na análise de Schultz (1973, p. 120) que a educação pode ser ampliada porque é um bem intelectual durável. E o fato de que acarreta uma vida relativamente longa, perante o trabalho produtivo do humano sobre o não humano. Para tanto, significa que um dado investimento bruto acrescenta mais ao estoque de capital humano; do que o mesmo investimento bruto tipicamente acrescentaria ao estoque de um capital não humano, pois o mesmo teria uma vida mais curta, do que o próprio capital humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente apresentou um avanço significativo no decorrer da história da educação brasileira, passando por diferentes etapas e constantemente superando desafios para atender as necessidades do século XXI. É preciso pensar constantemente a formação docente que atenda às necessidades do século XXI. Identificou-se que os modelos de formação docente, a função da escola e o papel do professor no decorrer da história da educação brasileira sempre estiveram articulados com o modelo ideológico do capitalismo contemporâneo-neoliberal, do mercado de trabalho, produção de bens, prestação de serviços, indústria, comércio e do em suas várias fases.

Desenvolver propostas de formação e de trabalho pedagógicas que atendam não mais a onda do “musculo, física”, mas para uma nova onda “intelectual, tecnológica e inovadora”, parte deste novo processo de produção material e imaterial da sociedade capitalista contemporânea, global e neoliberal.

A atuação docente constitui um campo complexo de trabalho, exigindo constantes capacitações no durante a vida profissional e no decorrer de seu trabalho em sala de aula. O trabalho docente, e a educação estão constantemente no centro dos debates profissionais, políticos, midiáticos e tecnológicos, e do papel a ser desenvolvido pelos docentes. Dessa forma, sente-se a necessidade de se voltar o olhar a formação continuada dos docentes.

É importante despertar o interesse pela formação profissional docente de maneira coletiva, assegurar a valorização profissional, bem como valores e saberes com integração entre sociedade, políticas públicas, educação, família, escola, professores e alunos. Aproximam-se, assim, teorias e discursos com as práticas docentes.

Também é preciso superar a estigmatização de que as políticas públicas, formação e investimentos na educação básica são o suficiente para superar as limitações e o fracasso nos índices da educação e que o problema da falta de sucesso no ensino é só do professor. Cabe reconhecer o trabalho do professor como essencial para gerir e promover mudanças sociais, inovar, criar, e despertar nos estudantes o desejo de crescer profissionalmente, focar nas habilidades e competências profissionais para superar as limitações detectadas de maneira coletiva.

É possível perceber o papel social da educação e sua contribuição para melhorar os índices na qualidade de vida da população e do país, possibilitando, por meio da educação, a inclusão social de maneira contínua de milhares e milhões de brasileiros. Esse olhar deve sempre ser voltado para os desafios sociais, relacionados a instruir pessoas para assumirem postos no mercado de trabalho, trazendo desenvolvimento e progresso para o país.

Identifica-se a necessidade de acompanhar a influência das constantes transformações tecnológicas, inovadoras e sociais vivenciadas por esses profissionais em seu trabalho, identificando contribuições na superação das limitações ocultas na formação e na atuação dos docentes. Criam-se, dessa forma, habilidades e competências, autorreflexão, novas estratégias e o desenvolvimento de um bom trabalho pedagógico no contexto onde estão inseridos e em sala de aula.

Destaca-se a relevância de superar a estagnação e entrar em movimento na busca e concretização do conhecimento, onde muitas vezes somos levados a repensar, reavaliar, retomar, ressignificar e principalmente saber recomeçar a cada dia um novo trabalho. Afinal, na formação docente e acadêmica, há limitações, habilidades, competências e o desafio da formação continuada para a prática docente.

Constata-se a necessidade de abertura de espírito inovador, crítico e atuante para absorver mudanças para melhorar as práticas docentes, com um olhar responsável sobre a execução de tarefas assumidas e o compromisso com a profissão docente, que demonstre assim o exercício da honestidade e da sinceridade com as interações construídas coletivamente superando o isolamento e a individualidade na prática docente.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli (Org.). **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2016.

ASSIS, Renata, Machado de. A educação brasileira durante o período militar: a escolarização dos 7 aos 14 anos. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 3, n. 2, p. 320-39, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3bEBq4d>. Acesso em: 12 out. 2015.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JUNIOR, Amarildo. Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 333-55, set./dez. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3qykMYr>. Acesso em: 13 set. 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Programa de desenvolvimento profissional contínuo**. Brasília: MEC/EF, 1999. (Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental - 1ª a 4ª séries).

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: <https://bit.ly/3oMFKSF>. Acesso em: 13 ago. 2019.

BEHRENS, Marilda Aparecida. O paradigma emergente e a prática pedagógica. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 1995.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

IMBERNÓN, Francisco. **Inovar o ensino e a aprendizagem na universidade**. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2012.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e a formação do professorado**: uma mudança necessária. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**: capital humano e o empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

MACHADO, Nilson J. Sobre a ideia de competência. In: PERRENOUD, Philippe *et al.* **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e os desafios da avaliação. Trad. Cláudia Schilling e Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional. In: REALI, Aline M. de M. R.; MIZUKAMI, M. da Graça Nicoletti (Org.). **Formação de professores**: tendências atuais. São Carlos: EDUFSCar, 1996.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: conhecimento específico, contextos e práticas pedagógicas. In: NACARATO, Adair M.; PAIVA, Maria A. V. (Org.). **A formação do professor que ensina matemática**: perspectivas e pesquisa. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 213-31.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Editora, 1989.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PERRENOUD, Philippe *et al.* **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e os desafios da avaliação. Trad. Cláudia Schilling e Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar**: agir na urgência, decidir na incerteza. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PILETTI, Nelson. **História da educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

SAVIANI, Demerval A. A Filosofia da educação e o problema da inovação em educação. In: GARCIA, Walter E. (Coord.) **Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educar**, Curitiba, n. 31, p. 169-89, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3ie078L>. Acesso em: 17 out. 2015.

SCHULTZ, Theodore W. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa**. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.